

BREVE APRESENTAÇÃO DO PROJETO (RE)PENSA HUMANIDADE: EDITORIAL E ARQUIVO VIRTUAL DE PRODUÇÕES ORIGINÁRIAS

Ana Laura de Moraes Uba e Barbosa¹

Conheça o Projeto

A plataforma virtual “(RE)Pensa Humanidade” (www.repensahumanidade.com.br) é um produto ainda em construção que tem formato de editorial e arquivo virtual pensado a partir das urgências contra a permanência de movimentos e referenciais tutelares ainda presentes em estudos e transmissões das chamadas “temáticas indígenas”. Constitui-se como um projeto que caminha junto ao enfrentamento de lugares estáticos e marcados da existência Originária que, de formas equivocada e simplista, acabam por anular e silenciar a participação destes povos ao longo do tempo.

Coloca-se à reflexão de uma construção histórico-social onde, infelizmente e majoritariamente, há prerrogativas estruturadas de objetificação, infantilização e extinção destes corpos, territórios e memórias como constantes nas narrativas das chamadas Histórias Oficiais baseadas, por sua vez, em referenciais teóricos tidos como cânones clássicos, cujo papel principal é materializar estereótipos pejorativos sobre a contribuição, as existências e vivências Originárias na História do Brasil na memória, e no ensino. Movimento este que, estendendo a História das Américas, insiste em honrar e minimizar as atrocidades advindas dos movimentos de invasão colonial, das ideias imperialistas, e da ação desenvolvimentista do processo da “civilidade”, que disseminou a hegemonia e uma memória subalterna dos saberes e lugares de Origem.

Em enfrentamento e rompimento deste mecanismo rumo à orientação teórica para a interpretação, a produção dos conteúdos, e as ações do (RE)Pensa Humanidade, busca-se informações e aprofundamentos teóricos, metodológicos, e práticos junto ao estudo e a processos de conhecimento aliados ao movimento de autoria Originária anti-colonial e

¹Ana Laura Uba é graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), atualmente mestranda bolsista CAPES/Cnpq atuando na linha 3: poder, instituição e linguagem no programa de pós graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS-UFOP), co-orientadora do núcleo de extensão: (RE)Pensa Humanidade: plataforma educacional para a suspensão desta humanidade e idealizadora do editorial e plataforma virtual (RE)Pensa Humanidade que pode ser acessado em: www.repensahumanidade.com. Email: analaurauba@me.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8347980571948410>.

decolonial criando, assim, maior proximidade da realidade local do território, sem influência da legitimação externa e eurocentrada.

Sendo assim, a prioridade do projeto é construir conteúdos e redes que partem da lente e dos saberes da autoinscrição Originária, tendo como princípio uma prática coletiva, investigativa, e científica que realiza maior escuta e visibilidade ao campo epistêmico Originário e aos seus saberes de Origem, justamente com o intuito de possibilitar aliança e fortalecimento de outras transmissões historiográficas, didáticas e sociais das “Histórias e Temáticas Indígenas”, almejando pertencimentos e afetos.

Destarte, como referido, o projeto e plataforma (RE)Pensa Humanidade se constitui em espaço virtual de caráteres público e educacional –voltados à formação, planejamento, construção, disponibilização, transmissões e divulgação dos múltiplos conhecimentos e produções científicas, educativas, mostras de artes audiovisuais, e obras literárias de Povos Originários de Abya Yala –atualmente focalizado no Brasil, a partir da demanda sintetizada pela LEI.11.645 de 2008 que determina a obrigatoriedade do ensino e estudo das contribuições e permanências Originárias na História e formação nacional que ainda são superficiais dentro de muitas instituições de ensino formal.

É importante destacar que o projeto tem o compromisso de permanecer aliado às ações que intensifiquem a representatividade Originária em autoinscrição e própria autoria, entendendo não ser mais possível reproduzir uma mentalidade de ensino que trate a existência e as contribuições originárias, cabíveis na educação e na memória social, como uma temática unilateral. Este, portanto, é o ponto motivador da exequibilidade do projeto em pauta, que se prontificou em colaborar com a ruptura de uma estrutura colonial produtora de narrativas excludentes advindas de Histórias Oficiais.

A ideia é, justamente, a de tecer uma rede possível de produção e divulgação de maior legitimidade, mais próxima à Origem, em confluência com a realidade local tecendo uma rede possível de divulgação mais justa e democrática de posicionamentos, memória, protagonismo, vivência, permanência, e existência de comunidades e pessoas em uma organização sócio-histórica em enfrentamento a inúmeras formas de subalternização e epistemicídios recorrentes nesta Humanidade.

Em uma prática coletiva científica de aportes teóricos decolonial, anticolonial, maioritariamente junto a referencial bibliográfico latinoamericano e Originário, o projeto e plataforma vem sendo construído desde o ano de 2021 junto ao processo de titulação de Mestre em História da presente autora, com suporte institucional autorizado via Núcleo de Extensão

da Universidade Federal de Ouro Preto-MG, contando com uma equipe, atualmente, de onze colaboradores sendo, estes, alunos de graduação, pós graduação e professores integrantes do Departamento de História. O intuito é o de aproximar e subsidiar a formação dos integrantes junto ao conhecimento, ao movimento teórico intelectual, e a debates decoloniais com base em autorias e produções multidisciplinares de pessoas “indígenas” de diferentes áreas e titulações.

Assim, a proposta do projeto, precisamente, é a de visibilizar, divulgar e de se tornar um aliado na construção de viabilidade mais democrática, inclusiva e acessível a conteúdos, estudos, produções artísticas e material didáticos, dentre outros conteúdos ligados às denominadas “Temáticas Indígenas”. Trata-se de proporcionar narrativas plurais, reflexivas, com referências a particulares da diversidade e multiplicidade de mais de 305 inscrições étnicas que formam a população que ocupa o território “Brasil”, (RE)Pensando a convivialidade, onde se faça ser possível a concepção de outros mundos, plurais e transversais.

Acredita-se na mudança desta convivialidade pautada em relações mais horizontalizadas e afetivas, sendo esta realidade possível a partir da construção de conteúdos plurais que respeitem a transversalidade do tempo e que sejam representativos diante do multiculturalismo que formula a realidade latino americana e que, sobretudo, formam a historicidade, a organização da sociedade brasileira. Considera-se que, infelizmente esse conteúdo ainda se encontra majoritariamente negligenciado nos departamentos de formação universitária, sendo este trabalho um indicativo dos problemas e negligências apontados ao Ofício do Historiador e ao ensino de História.

O propósito é o de evidenciar a insuficiência de referenciais indigenistas e tutelares para tratar “Temáticas Indígenas”, evidenciando outras possibilidades ao ofício do historiador e do Ensino de História incluindo perspectivas que demonstrem a autonomia, a potencialidade, e o pertencimento advindos dos debates anticolonial, decolonial e Originário. Estes são a base para a compreensão mais ampla da realidade social, dando aporte à construção de narrativas históricas multilaterais, que ressignifiquem a consciência histórica e a memória coletiva, em retomada e valorização dos limites, saberes e afetos propostos pela potência Originária.

Trata-se de entender o coletivo e as formas de estar no mundo confluentes a um organismo vivo e único como a Terra, distanciados da pretensão desacerbada advinda do Antropocentrismo e do materialismo, traçando outras possibilidades à continuidade desta humanidade, em uma convivialidade plural onde a diferença não seja apontada como inferior. Nesses termos, como plano de exequibilidade desta proposta de descolonização do ensino de História por meio da formulação de conteúdos educacionais apresenta-se, de forma parcial, os

conteúdos produzidos pelo projeto (RE)Pensa Humanidade que foram idealizados partindo da urgência de conteúdos voltados sobre a permanência e a memória Originárias na formação da História e da sociedade nacional para além dos odores da invasão datada em 1500.

Assim, nossa prioridade é a de demonstrar que a contribuição originária não está estática ao processo colonial e nem mesmo sintetizada na valorização da natureza, à condição de aldeamentos ou a qualquer outro lugar marcado ao “indígena”. O objetivo deste trabalho é demonstrar ser possível a construção de outros mundos socioculturais que incluam a participação originária em diferentes assuntos do desenvolvimento desta Humanidade, destacando-se o campo epistêmico Originário em princípio da construção do bem viver distante de contextos de disputas de poder e classificações pejorativas que, infelizmente, ainda ecoam em muitos espaços de memória e conhecimento.

Para melhor visibilidade dos conteúdos produzidos pelo projeto (RE)Pensa Humanidade, realizou-se o mapeamento da organização do arquivo virtual em oito abas, quais sejam: Início: apresentação do resumo, objetivos e aliados do projeto; Pesquisa&Saberes: cataloga os conteúdos de subsídios à pesquisa científica; Krauma: apresenta os conteúdos advindo de obras literárias; Educação: disponibiliza planos de aulas e unidades didáticas com manuais do professor; Etnomídia: dá acesso à catalogação fílmico disponível em *streaming* e análises de filmes; PodCast: acesso a temporadas e episódios de entrevistas ou debates semi-estruturados; Colaboradores: apresenta, em autobio, os colaboradores e suas funções no editorial; JUNTOS !: aba de envio de opinião, arquivos, e cadastro de usuários com o intuito de (RE)Pensar juntos.

Em organização da propostas de editorial dos conteúdos didático-pedagógicos, culturais, e de história pública, optou-se por realizar uma subdivisão de tarefas em cinco setores, “Educação”, “Acadêmico”, “Etnomídia”, “Podcast” e “Literatura”, dimensionados em três eixos principais de ação metodológica: o primeiro eixo demarca críticas à permanência colonialista em transmissão, ofícios, escrita e ensino que envolvem registros historiográficos em torno das experiências, memórias, existências, protagonismo e história de Povos Originários em território nacional. Como segundo eixo, apresenta-se os desafios e, ao mesmo tempo, propõe-se e se demonstra práticas de transformações localizadas nas transmissões de experiências e protagonismos dos Povos Originários na configuração de memórias e Histórias Oficiais que, em urgência, devem ultrapassar marcos da história colonial, negando a forma estática que comunidades e corpos Originários.

Em terceiro eixo apresenta-se a proposta de produção coletiva, aberta sempre à novas articulações pessoais e institucionais que prezam pelo fortalecimento dos produtos e produções didáticos-pedagógicos, midiáticos, audiovisuais e científicos em comunhão com teorias decoloniais e práticas que contribuam com a descolonização de relações e práticas neste núcleo da Humanidade. As mesmas devem se articular não somente às demandas de visibilidades originárias, se orientam em reposicionar práticas multilaterais e transdisciplinares nos processos educacionais e na memória social, com respeito a diferenças, afetos, horizontalização epistêmicas, interpretativas plurais e nunca tutelares, em aliança à autoinscrição originária. Destaca-se que é urgente a descolonização das mentalidades atuais para que se compreender múltiplas existências, crenças, saberes e comportamentos sociais horizontalizados, fluidos ao bem viver.

Produtos do editorial

Finalizando o bloco de argumentos e levantes teóricos que são urgentes, é necessário também demonstrar de forma parcial o que vem sendo desenvolvido no corpo editorial do projeto, apresentando o quantitativo dos produtos desenvolvidos pelos cinco setores de produção. Eles foram pensados e organizados pela idealizadora e coordenadora do projeto junto aos colaboradores acima mencionados, essenciais para o desenvolvimento de todos os conteúdos que compõem o arquivo (Quadro 1).

Nesse ponto, é fundamental destacar a importância do envolvimento de discentes com o referencial teórico decolonial, autorias e produções originárias e latino-americanas para melhor interpretação da realidade social local e transformação do ensino de História, onde pluralidades sejam apresentadas com afeto e pertencimento à maioria social que é plural e protagonista da História nacional que transcende códigos hegemônicos.

Quadro 1 – Conteúdos da plataforma

| SETOR ACADÊMICO | | | |
|--|--|--|---|
| SOBRE: | Voltado à pesquisa e leitura de textos acadêmicos produzidos nas áreas de: Direito, Antropologia, História, e Literatura indígena brasileira como um compilado de referências que integralizou o movimento de reexistir a partir do domínio das mesmas técnicas e estudos acadêmicos, porém trazendo outros olhares que ressignifica lugares marcados e narrativas talvez equivocadas sobre como é pertencer no mundo, e como então podemos dar continuidade de uma humanidade em equidade e respeito. Cumprindo com o objetivo de ocupar os espaços científicos e acadêmicos como aliados não indígenas ao movimento de visibilizar e basear-se as produções particulares junto a mentalidades, reivindicações, referências bibliográficas e projetos de sujeitos e comunidades Originárias, foi trazendo estes olhares e interpretações como centro da articulação teórica a produção historiográfica. | | |
| EQUIPE SETORIAL ATUAL (2022) : | Mauro César de Castro aluno graduação História UFOP | Milena Pereira Macedo aluna graduação História UFOP | Ana Laura Uba orientação - mestranda PPGHIS UFOP |
| ANO DE PRODUÇÃO: | 2021 - 2022 | Nº DE CONTEÚDOS: | 14 |
| ACESSO: | LINK ABA | | |
| TÍTULO DO CONTEÚDO | PRODUTO | AUTORIA (RE)PENSA | |
| Conhecendo movimentos de retomada-Katarismo. | Mapa de Ideias | Ana Laura Uba | |
| Um pontapé para visibilizar a Intelectualidade Indígena | Mapa de Ideias | Mauro César de C. Junior e Milena P. Macedo | |
| Urgências na produção historiográfica | Apresentação setorial | Ana Laura Uba, Mauro César de C. Junior e Milena P. Macedo | |
| RESENHA: “ <i>Lugares de Origem</i> ” de Ailton Krenak e Yussef Campos | Resenha de Obra | Mauro César de C. Junior e Milena P. Macedo | |
| óticsas sob o alcance e poderes da vivência social-humana. | Resenha de Obra | Mauro César de C. Junior e Milena P. Macedo | |
| Destaques fundamentais de alguns princípios básicos | Resenha de Obra | Milena Pereira | |
| Um quase checklist de como vivencia a convivialidade | Resenha de Obra | Mauro César de Castro Junior | |
| Suporte ao educar na epistemologia Xakriabá | Resenha de Obra | Mariana Laurentino | |
| TAMBETÁ um suporte para escuta e reflexão do Ofício em conversas com Ailton Krenak | Resenha de Obra | Natália Cristina Santiago | |
| Lembretes reflexivos em meio do Isolamento social | Resenha de Obra | Rafaela Areal | |

| | | |
|--|-----------------|---|
| Encontros: destaques a alguns capítulos | Resenha de Obra | Fadí Fada Campolina |
| Transmissão e aportes a existência “Uma outra História a escrita indígena no Brasil” | Resenha de Obra | Milena Pereira |
| (RE)Pensando vive(re)s para convivialidades | Resenha de Obra | Mauro César de C. Junior e Milena P. Macedo |
| Uma breve orientação sobre cinema e educação | Resenha de Obra | Rafaela Areal |

| SETOR EDUCAÇÃO | | | |
|--|---|---|---|
| SOBRE: | Abarca compreensão das legislações nos campos da Educação e referentes povos indígenas; do Manual de Transdisciplinaridade da temática indígena da ONU; e o estudo pedagógico e estratégico da BNCC para a formulação do conteúdo para além do ensino de história dirigido ao ensino infantil. Enfrentando os limites decorrentes da pouca ação e articulação institucional para fazer cumprir com a demanda de atualização e formação docente trazidas pela Lei.11645/08 o setor impulsionou alunos a buscarem com mais autonomia o preenchimento do quase abismo teórico que vão ao encontro do protagonismo e existência de povos Originários , africanos e afrodiáspóricos nos cursos de formação que serão responsáveis por transmitir estes conhecimentos e debates a alunos da educação básica e demais educandos. | | |
| EQUIPE SETORIAL ATUAL (2022) : | Mariana T. Laurentino aluna graduação História UFOP | Fadí Fada Campolina aluno graduação História UFOP | Ana Laura Uba orientação - mestranda PPGHIS UFOP |
| ANO DE PRODUÇÃO: | 2021 - 2022 | Nº DE CONTEÚDOS: | 10 |
| ACESSO: | LINK ABA | | |
| TÍTULO DO CONTEÚDO | PRODUTO | AUTORIA (RE)PENSA | |
| Povos Originários contra o extermínio em resistência e luta. | Ensaio livre | Ana Vitória Vieira | |
| Manual do professor e a temática indígena na Escola alguns apontamentos básicos. | Ensaio livre | Gabriela Medeiros | |
| Eu no mundo e o mundo em mim - Fundamental II | Unidade Didática | Mayara Paces e Fadí Campolina | |
| Eu no mundo e o mundo em mim - Fundamental II | Manual do professor | Mayara Paces e Fadí Campolina | |
| Nacionalismo, pertencimento e mitos de Origem | Plano de aula BNCC | Ana Vitória Vieira | |
| Tem luta indígena sim na formação dos Estados Nacionais | Plano de aula BNCC | Ana Vitória Vieira | |
| (Não)existir a Povos Originários: um Plano Político | Plano de aula BNCC | Ana Vitória Vieira | |

| | | |
|---|---------------------|-------------------------------------|
| Hegemonia VS Pluralidade: sobre poder e hierarquia | Plano de aula BNCC | Ana Vitória Vieira |
| Título a definir - Material temático - Ensino Médio | Unidade Didática | Fadí Campolina e Mariana Laurentino |
| Título a definir - Material temático - Ensino Médio | Manual do professor | Fadí Campolina e Mariana Laurentino |

| SETOR LITERATURA | | | |
|--|--|---|---|
| SOBRE: | É um espaço para visibilizar obras já publicadas de autores-autodeclarados indígenas, convidados para transmitir experiências diante o processo de construção da Obra, expondo sobre pertencimento, resgate, inquietação, denúncias, vivências e sobretudo interpretações sobre a convivialidade íntima e coletiva que de forma transtemporal se inicia a partir de um marco cultural e social imposto que é a inscrição como <<índigenas>> demarcando experiências diferenciadas nesta configuração social, histórica e institucional que sempre apontam como o outro, ou distinto. | | |
| EQUIPE SETORIAL ATUAL (2022) : | Isaías Xipu Puri Mestrando Letras PÓSLET - UFOP | Maria Eduarda Câmara Graduação História UFOP | Ana Laura Uba orientação - mestranda PPGHIS UFOP |
| ANO DE PRODUÇÃO: | 2021 - 2022 | Nº DE CONTEÚDOS: | 10 |
| ACESSO: | LINK ABA | | |
| TÍTULO DO CONTEÚDO | PRODUTO | AUTORIA (RE)PENSA | |
| As literaturas de autoria indígena e a indigestão antropofágica ou folclorização | Ensaio livre | Isaías Xipu Puri | |
| Pertencimento construído em “Metade Cara, metade máscara” | Resenha de Obra | Isaías Xipu Puri | |
| Conheça!: A queda do Céu, palavras de um xamã Yanomami | Texto-post informativo | Isaías Xipu Puri | |
| Conheça!: Artistas Indígenas contemporâneos | Texto-post informativo | Isaías Xipu Puri | |
| Conheça!: Pensamento Originário | Texto-post informativo | Isaías Xipu Puri | |
| Conheça!: Movimento originário | Texto-post informativo | Isaías Xipu Puri | |
| Conheça!: Intelectualidade e autoria Indígena em fortalecimento coletivo | Texto-post informativo | Isaías Xipu Puri | |
| KAUMA: CONEXÕES LITERÁRIAS | Ensaio livre | Isaías Xipu Puri | |
| RESENHA: EU SOU MACUXI E OUTRAS HISTÓRIAS | Resenha de Obra | Maria Eduarda Câmara | |
| RESENHA: SABERES DA FLORESTA | Resenha de Obra | Maria Eduarda Câmara | |

| SETOR PODCAST | | | |
|---|---|--|---|
| SOBRE: | Fortalecendo este movimento de renovação técnico-teórica e também como forma de colaborar com o descolonizar frente a produções hegemônicas e colonialistas impostos pelo processo técnico e unilateral da escrita, esta foi a forma de produzir mantendo distância da individualidade e de hierarquizações propostas pela normativa científica. Esta confere distância, imparcialidade, observação e classificação superficial, se dedicando à produção de roteiros semiestruturados para apresentar e visibilizar algumas referências, conceitos, reflexões e vivências cotidianas, sempre integralizado a pessoas e comunidades originárias e seus olhares diante das realidades social, econômica, cosmológica, institucional e política. O setor vem se dedicando em aprofundar manejos e ensino técnico operativo de produções de áudio, atento a mecanismos de edição considerando cuidados linguísticos voltados a uma melhor compreensão do público alvo, que se encontra em dimensões intelectuais distintas. Estas vêm sendo demonstradas junto aos roteiros e à realização de entrevistas com participantes ativos de movimentos de resgate e descolonização das mentalidades, relações e formas de conviver e de identificar a origem comunitária neste organismo. | | |
| EQUIPE SETORIAL ATUAL (2022) : | Maria Fernanda Vargas Graduação História UFOP | Gabriela Lorryne Santos Medeiros Graduação História UFOP | Ana Laura Uba orientação - mestranda PPGHIS UFOP |
| SETOR ETNOMÍDIA | | | |
| ANO DE PRODUÇÃO: | 2021- 2022 | Nº DE CONTEÚDOS: | 6 |
| ACESSO: | LINK ABA | | |
| TÍTULO DO CONTEÚDO | PRODUTO | AUTORIA (RE)PENSA | |
| GUERREIRAS | EPISÓDIO NARRATIVO: AudioCast com transcrição. | Mariana Laurentino e Natália C. Santiago | |
| INTELECTUAIS INDÍGENAS | AudioCast com transcrição. | Mariana Laurentino e Maria Fernanda Vargas | |
| ZIEL KARAPOTÓ escuta sobre Arte educação, performance e produções audiovisuais. | ENTREVISTA: VideoCast com legenda. | Maria Fernanda Vargas e Gabriela Lorryne Santos Medeiros | |
| MARCELO KRAHÔ escutas sobre a ativismo e realidade LGBTQI+ no movimento Originário. | ENTREVISTA: VideoCast com legenda. | Maria Fernanda Vargas e Gabriela Lorryne Santos Medeiros | |
| OLINDA TUPINAMBÁ escutas sobre produção de cinema autônomo de uma mulher indígena. | ENTREVISTA: VideoCast com legenda. | Maria Fernanda Vargas e Gabriela Lorryne Santos Medeiros | |
| FRANCY BANIWA escutas sobre representação Originária nos espaços educativos. | ENTREVISTA: VideoCast com legenda. | Maria Fernanda Vargas e Gabriela Lorryne Santos Medeiros | |

| SETOR ETNOMÍDIA | | | |
|--|--|---|---|
| SOBRE: | Aliado ao objetivo de quebrar estereótipos e detendo imaginários de povos originários estáticos ao primitivismo que, de forma equivocada, tendenciosa e pejorativa, ainda reportam a uma realidade tutelar, superficial e exótica de modos e experiências originárias, o setor procura, por meio de divulgações críticas e elaborações de uso de conteúdos audiovisuais para educação, indicar e visibilizar a ampla produção originária de conteúdos em áudio visual e obras cinematográficas com exercícios de catalogação de obras, artistas e páginas livres. Possibilita-se, dessa forma, a aproximação de público amplo a produtores e atores do movimento de articulação de mídias originárias que existem e dominam as possibilidades de comunicação e tecnologia desta temporalidade para articular e realizar autonomias pelo ato de “ocupar telas” para apresentar-se e auto inscrever suas dissensões forjadas e mostradas, até então, sob recortes de olhares superficiais. Setor responsável pelo desenvolvimento de técnicas voltadas à análise de filmes para a compreensão de amplo público, a partir de um olhar subjetivo e de compreensão integral das particularidades originárias. | | |
| EQUIPE SETORIAL ATUAL (2022) : | Rafaela Oliveira Areal Graduação História UFOP | Ana Laura Uba orientação - mestranda PPGHIS UFOP | |
| ANO DE PRODUÇÃO: | 2021 - 2022 | Nº DE CONTEÚDOS: | 7 |
| ACESSO: | LINK ABA | | |
| TÍTULO DO CONTEÚDO | PRODUTO | AUTORIA (RE)PENSA | |
| Falas da Terra | RESENHA DE FILME | Rafaela O. Areal | |
| O abraço da serpente | RESENHA DE FILME | Rafaela O. Areal | |
| Prosa pos filmes com ZIEL KARAPOTÓ | CURADORIA FÍLMICA | Ana Laura M. Uba | |
| Prosa pos filmes com MARCELO KRAHÔ | CURADORIA FÍLMICA | Ana Laura M. Uba | |
| Prosa pos filmes com OLINDA YAWAR | CURADORIA FÍLMICA | Ana Laura M. Uba | |
| Prosa pós filmes com FRANCY BANIWA | CURADORIA FÍLMICA | Ana Laura M. Uba | |
| Prosa pos filmes com LIAN GAIA | CURADORIA FÍLMICA | Ana Laura M. Uba | |
| I MOSTRA (RE)PENSA DE CINEMA ORIGINÁRIO NO CINE VILA RICA <small>(nota 2).</small> | EVENTO EDUCATIVO E CULTURAL | EQUIPE (RE)PENSA | |

Fonte: dados originais da pesquisa.²

² A I MOSTRA (RE)PENSA DE CINEMA ORIGINÁRIO aconteceu entre 18:00 e 23:00 dos dias 26 a 30 de Setembro de 2022, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, em específico nas dependências do Cine Club Vila Rica. A semana de exibição dos filmes, bem como os ciclos de debates permitirão a aproximação das comunidades locais e das escolas com fontes advindas de memória, história e comunicação oral, apoiadas a tradições e saberes dos povos originais do Brasil, que serão trabalhadas para articulação de novas possibilidades de discussões, símbolos e construção de espaços de memória, que formará nossa apresentação de conteúdos e colaborar com

O quadro acima tem a intenção de afirmar como é possível a produção e referenciação de estudos e narrativas que valorizam múltiplos conhecimentos, sem deixar de lado a especificidade disciplinar e rigores teóricos, assegurando também que os conteúdos estejam orientados pela transversalidade do tempo e da sociedade. Uma vez que o projeto está sendo construído em um ambiente coletivo, a fluidez e a expansão da produtividade se tornam um diferencial, onde desafios e habilidades entre o grupo acabam por potencializar a conclusão dos materiais, além destes serem revisados e ajustados de forma multilateral, dando mais qualidade e inclusão a trabalhos produzidos de forma individual.

Observa-se que os conteúdos possuem um direcionamento principal a ser abordado, seguindo o padrão das escolhas bibliográficas e referências previamente propostas para o desenvolvimento do conteúdo (re)pensa, porém, assegura-se um referencial central que faz parte do centro epistemológico originário que pode ser classificado como princípios de respeito, horizontalidade e equidade. Este, são formas de se ocupar o mundo em equilíbrio com os aspectos naturais e sem exageros da “parafernália da modernidade”, privilegiando a tradição oral e os saberes adquiridos com a vivência permanente, entendendo que o bem viver e bem-estar social dependem de uma rede cíclica de cuidado contrária à sobreposição de domínio e de outras interpretações que veem o natural somente como recursos disponíveis.

Interpreta-se que a existência de uma centralidade de equilíbrio em meio a este saber, comportamento, mentalidade e conhecimentos encontra-se como a principal ideia para que se atinja a tão desejada continuidade da Humanidade. Em outras palavras, adiar o fim do mundo seria possível com a retomada da escuta ao saber ancestral, compreendendo a Origem e os lugares naturais de cada um dos seres, reconhecendo o papel fundamental de cada um no ciclo do tempo e do espaço.

Portanto, estas interpretações não podem mais estar classificadas como desvio teórico ou temática isolada do cânone da historiografia: o otimismo da produção e a defesa deste projeto são o desenvolvimento de um Ofício que permita e construir narrativas que concebem diferentes mundos e subjetividades, se conectando e pertencendo aos Saberes e formas do conhecimento de Origem, possibilitando a compreensão do ser humano fora de um olhar limitado a comparações externas.

Estes fazem com que se perca autonomia e potencialidades próprias, isolando a oportunidade e a naturalidade de explorar diferentes abordagens da produção de conhecimento

possibilidades mais plurais, transversais e complexas a construção da consciência histórica local, historiografia e do ensino de história rompendo com pejorativos transtemporais ao “indígena”

e saberes, como as escutas sonoras, histórias orais, impactos visuais, transcrições de histórias, etc. Este resgate é urgente ao presente que vem sendo materializado com inúmeras abordagens virtuais e, sobretudo, inclusiva a todos, onde resgate e transversalidade são cotidiano e constituem a base para as ciências que devem ser desenvolvidas para o bem viver de existências, que são múltiplas e cíclicas.

Arquivo virtual

Os conteúdos reunidos no arquivo virtual possibilitam maior democratização do acesso a conteúdos específicos de autoria e produção Originária que devem ser incluídos em todas as etapas formativas em afirmação de outras abordagens epistemológicas e concepções de narrativas historiográficas que promovem a descolonização do ensino para a formação de nossas mentalidades, (re)organizando imaginários e protagonismos que envolvam as chamadas "temáticas e histórias indígenas".

Compreende-se, aqui, múltiplas dimensões, particularidades e possibilidades não mais fechadas em marcos temporais e agências históricas ainda hegemônicas, levando em conta que referências e produções originárias podem e devem aparecer em qualquer assunto da formação sócio-histórica, proporcionando perspectivas de diagnosticar e propor soluções ao adoecimento e pessimismo presentes na convivialidade contemporânea global, estes advindos dos processos de colonialidade que narram a formação sócio-histórica em uma série de disputas territoriais, de poder com explorações e extermínios naturalizados pela cultura do domínio que distancia do caráter afetivo e coletivo.

Acreditando ser aliado a uma (re)educação social e histórica, o projeto (RE)Pensa Humanidade vê como uma das suas capacidades, por meio do acesso e possibilidades dos trabalhos coletivos, retomar a saúde, o respeito e o otimismo nas diversidades nesta rede multidimensional que vivencia a humanidade e seus registros, sendo capaz, assim, de valorizar, transmitir e mapear múltiplas possibilidades nos elementos materiais e imateriais presentes no pensamento Originário e seus saberes. Possibilita-se, então, a construção de pertencimento e identificação em uma narrativa e a partir de um conhecimento plural que devem tecer a transmissão da historicidade não só do presente, mas revendo as lentes do passado como plural e subjetivo.

Com base no exposto, e na ideia de que as práticas culturais são criadas e reinventadas para responderem às circunstâncias e à realidade em que se vive encoraja-se, nesse espaço de (re)criação de uma historiografia com autonomia e por outras epistemes que permitam a

pluralidade de perspectivas e de protagonismos mais autênticos à temporalidade, compreendida, aqui, como múltipla. Enseja-se, em síntese, contribuir para a produção de uma mentalidade condizente às realidades locais, constituídas transversalmente, em busca de uma melhor convivialidade global.

Nesse sentido, no horizonte da continuidade mesma da humanidade, considera-se urgente reconstruir, de forma mais afetiva à realidade, estruturas que abarque as linguagens e as percepções históricas de múltiplos agentes sociais detentores de inscrições próprias, livres de tutelas externas que, equivocadamente, vêm impondo uma historicidade de hierarquização limitada a comparações hegemônicas que forjam relações de poder e, conseqüentemente, autenticidades. Nessa esteira, deve-se assumir como possível uma produção acadêmica, política, sócio-histórica, etc. mais íntegra às complexidades dos mundos, em nome da pluralidade cultural e das particularidades dos sujeitos de uma maneira especial, com mais afeto, alegria, proximidade, respeito e profundidade.

Nessa perspectiva, a realização da pesquisa prescinde de práticas e procedimentos efetivos à descolonização dos ofícios intelectual, científico, e do ser íntimo/social, em movimento de deslocamento e ruptura com referenciais que, de forma transtemporal, vêm apagando e subalternizando potencialidades de pertencimento Originários e Sulistas em nossos modos técnicos e sociais. Nesse âmbito, é fundamental romper com formações e imaginários acadêmicos e científicos que alimentem pré-concepções, equívocos, simplismos e exotificações geradores de sentimentos e comportamentos sociais discriminatórios de corpos "indígenas" destinados ao epistemicídio e aos genocídios.

Nesses termos, captar e divulgar os conteúdos aventados toca no tipo de informação e transmissão com que a pesquisa se compromete, o que constitui, ao mesmo tempo, o ponto de partida e a própria oportunidade de mudança. É, então, partindo do olhar e das referências próprias destes "povos", que se torna factível visibilizar e potencializar sua autoinscrição de existência e resistência, fundando-se outras abordagens e narrativas de História Oficial a serem implementadas junto ao Ensino de História na contramão dos contínuos exotismos que se traduzem em estereótipos pejorativos, culminando na subalternização dos corpos e etnias num movimento de silenciamento da pluralidade e da transtemporalidade das "humanidades".

A ideia é a de se voltar às particularidades e demandas do próprio território brasileiro sem exclusões e hierarquias superficiais que reforçam o vencedor diante do silenciamento de um suposto vencedor. Trata-se de uma ação pela existência e experiências do outro, da formulação de mundos outros. Deve-se, assim arcar com o tempo prospectivo, especialista em

criar ausências no sentido mais peculiar da vida a gerar angústia e intolerância imperiais para o sujeito que resiste no mundo vital opressor, mas que ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar e de cantar, como lembra Ailton Krenak em “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, pois sem esta vitalidade é impossível manter-se vivo para contar a História.

Nesse sentido, os conteúdos articulados para a (RE)Pensa Humanidade ocupam este lugar da transmissão de conhecimentos e chamam a atenção para a revitalização das produções voltadas a uma mudança de referências. Todas as produções e conteúdos didático pedagógicos voltados à reflexão e ao ensino de História no que tange às "temáticas indígenas" partem da autoria, interpretação, e narrativas originárias sobre a realidade não só da comunidade, ou dos indivíduos autodeclarados indígenas, mas das relações de todos os seres, dando passagem a um debate, propondo práticas efetivas, sobre a continuidade desta humanidade com base na premissa de que “o todo” é fundamental.

Ultrapassando, portanto, a construção de resistências territoriais, políticas, e identitárias, a (RE)Pensa trata de transmitir os olhares originários, multilaterais e plurais para os quais deve haver uma integração horizontal transversal (conexão e equidade) das relações entre todos os seres naturais e os que têm “intelectualidades”.

Nesses termos, as narrativas originárias manifestam o repúdio a qualquer esgotamento, violência, ou inferiorização entre todos os seres, expressando suas máximas autonomia e liberdade, bem como a toda a forma de dominação e disputa de poderes. Por acreditar ser esse o caminho da equidade, optou-se por se orientar a partir destas referências, vivências e olhares. Destarte, nos conteúdos disponíveis na plataforma (Re)Pensa Humanidade é prioridade colaborar com a revitalização de práticas sem presença ou imposições hegemônicas, ressignificando-se as ações do tempo presente que envolvem os povos originários. Outro ponto é ampliar seu protagonismo, sobretudo, na construção de conhecimentos, superando os determinantes de supostos primitivismo e invalidez social. A ideia é empregar sua plena colaboração nas atividades intelectuais humanas históricas, políticas, sociais e ressemantizar a longa e pejorativa tradição acadêmica, mostrando a ampla produção existente de autonomia e autoria originárias sobre vivências.

Nessa transposição epistemológica, descoloniza-se práticas metodológicas e objetivas, concretas, rompendo os silenciamentos sobre os povos originais na História gerados, por sua vez, pela observação colonialista fria e simplista. Trafega-se, assim, na contramão dos fundamentos alienantes do epistemicídio que lançam os seres à competitividade e à hierarquização, tornando a guerra de poderes intrínseca à humanidade. Assim, parte-se do

princípio de que, utilizando-se o ofício e o fazer históricos e pedagógicos para reelaborar conhecimentos de formas afetiva, plural, transgressora e dicotômica, levando em conta as subjetividades e as particularidade de seres e coletivos, rompe-se com a atual lógica intolerante e individualista global que ao longo do tempo, a historiografia parece (re)produzir em imaginários coletivos, marcando “os subordinados” e os “vencedores” como bonança.

Não se pretende apontar críticas muito severas a uma obscuridade de fatores que a antropologia histórica do século XX encobre, a saber a História originária que, particularmente na historiografia do Brasil, não atinge vínculos de identidade suficientes para nos aproximar à ancestralidade e a práticas que seriam advindas dos habitantes originais, pois a narrativa de barbárie, exotismo e incapacidade impede de serem visualizados outros aspectos desses.

Porém, deve-se assumir a insuficiência, ainda que tardiamente, com mais alteridade, levantar questões ao silenciado e dificuldades em dar conta efetivamente das visões e particularidades de sociedades originárias. Pesquisadores oriundos do mundo colonizador/colonialista, mesmo propondo investigações que provoquem proximidade e reconhecimento, ainda assim não conseguem mudar o cenário mais geral – como é observado na coletânea organizada por Manuela Carneiro da Cunha (1992), “História dos Índios no Brasil”, ou nos significativos trabalhos realizados por John Monteiro (1994, 2001, 2003).

Por fim, pretende-se demonstrar que – diante de produções repetitivas, brancas, violentas, silenciosas e simplistas – investigar as obras e produções recentes de Povos Originários se apresenta como meio de romper com a dinâmica de “dominados *versus* dominadores”. Afinal, as perspectivas dos dominadores não assumem experiências abismais do tempo atual, de pandemia, com a conclusão de que progresso e capitalismo global não se fazem magistrais, e sim perigosos à existência.

Defende-se que o colapso do tempo presente vê as consequências de despersonalizar as relações em dimensões dúbias da materialidade e do cosmos. O mito violento de sua origem, as práticas do epistemicídio e a negligência aos seus resquícios no espaço comum fizeram experimentar com angústia o distanciamento de afetos quando substituído por materialidade e sequestro dos sonhos. Sonhos estes que serão entendidos como a pulsão para questionarmos nossas ações naturais para suprir um desejo de ocupar o espaço e se promover a partir da aquisição material infinita. Isso alerta para a instabilidade de atingir desejos a partir da incompreensão de sequestro do tempo, produção e disputa. É um devir importante ressaltar que descolonizar é colocar-se contra as diferentes formas de dominação, adequando epistemologia à própria realidade, recuperando autoestima diante das próprias enunciações.

Bibliografia

BANIWA, André Fernando. **Bem Viver e Viver bem: Segundo o Povo Baniwa no Noroeste Amazônico Brasileiro**. 1 ed. Curitiba: Editora UFPR , 2019.

CHAVES, Pedro Jônatas. **Didática, decolonialidade e epistemologias do sul: uma proposta insurgente contra a neoliberalização do ensino escolar e universitário**. 1 ed. Editora CRV.2021.

CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Território, identidade, memória e cultura dos povos da terra**. *In*: KAMBEBA, Márcia Wayna. O Lugar do Saber Ancestral. 2 ed. São Paulo: UK'A, 2021.

KRENAK, Ailton. **A humanidade que pensamos ser**. *In*: KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. 1[ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Que línguas falam as Universidades ?** *In*: PIMENTA, A. N.; MENEZES, P. M (org). Firmando o Pé no Território: Temáticas Indígenas em Escolas. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **A Sabedoria Indígena por dentro**. *In*: MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses: Conversa sobre a Origem e a Cultura Brasileira. 2a ed. São Paulo: Global, 2009.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Uchô Tatak**. *In*: In: PIMENTA, A. N.; MENEZES, P. M (org). Firmando o Pé no Território: Temáticas Indígenas em Escolas. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

SMITH, Linda Tuhwai. **A pesquisa através dos olhos imperiais**. *In*: SMITH, Linda Tuhwai. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Tradução de: Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.